

O HOBBIT E A CRÍTICA À TECNOLOGIA BÉLICA DO INÍCIO DO SÉCULO XX: ANÁLISE HISTÓRICA DA OBRA DE TOLKIEN

THE HOBBIT AND THE CRITIQUE OF EARLY 20TH CENTURY WAR TECHNOLOGY:
HISTORICAL ANALYSIS OF TOLKIEN'S WORK

Lígia Mayra Amaral Lima¹

¹Graduação em História-Licenciatura pelo Centro Universitário Sagrado Coração. Bauru - São Paulo - Brasil - e-mail: ligiamayra@live.com

RESUMO

O presente artigo busca analisar historicamente *O Hobbit* (1937), uma obra de aventura da literatura infanto-juvenil. A obra apresenta em seu enredo a peripécia de uma criatura hobbit chamada Bilbo que viaja por toda a Terra-Média para roubar o tesouro de um dragão chamado Smaug. Seu autor, John Ronald Reuel Tolkien, foi um inglês que viveu na passagem do século XIX e XX. Tolkien viu e experimentou algumas inovações tecnológicas daquele período, como a sua experiência na Primeira Guerra Mundial. No enredo e nas personagens da obra, é possível analisar como o autor apresenta os aspectos tecnológicos, sobretudo os bélicos, como maléficos para os seres vivos. A partir da análise da fonte e discussão bibliográfica, o artigo tem como propósito refletir como Tolkien estava apresentando uma crítica no alvorecer tecnológico bélico do período em que viveu. Alguns autores utilizados para o desenvolvimento do artigo foram Roger Chartier, Cristina Casagrande, Humphrey Carpenter, entre outros.

Palavras-chave: *O Hobbit*; Modernidade; História; Literatura; Interdisciplinaridade

ABSTRACT

This paper seeks to historically analyze *The Hobbit* (1937), an adventure work of children's literature. It presents in its plot the adventures of a hobbit creature named Bilbo who travels all over Middle-earth to steal the treasure from a dragon named Smaug. Its author, John Ronald Reuel Tolkien, was an Englishman who lived at the turn of the 19th and 20th centuries. Tolkien saw and experienced some of the technological innovations of that period, such as his experience in the First World War. In the plot and characters of the work, it is possible to analyze how the author presents the technological aspects, especially the warlike ones, as evil for living beings. From the source analysis and bibliographical discussion, the article aims to reflect how Tolkien presented a critique in the warlike technological dawn of the period in which he lived. Some authors used to

develop the article were Roger Chartier, Cristina Casagrande, Humphrey CARPENTER, among others.

Keywords: *The Hobbit*; Modernity; History; Literature; Interdisciplinarity

“Enquanto há vida há esperança!”

(Bilbo Bolseiro)

- J.R.R. Tolkien

INTRODUÇÃO

O século XX na Europa apresenta uma efervescente gama de transformações sociais que movimentaram o cenário internacional, sobretudo os países pertencentes do lado ocidental do globo. Neste século, viram-se despontar e emergir duas grandes guerras mundiais as quais impactaram grandemente o planeta (1914-1918; 1939-1945); houve o surgimento de regimes totalitários como o fascismo na Itália (1919) e o nazismo na Alemanha (1933); a disseminação da gripe espanhola (1918) e a ocorrência da Revolução Russa (1917) entre outros.

No entanto, essas movimentações que ocorreram nesse período não foram eventos isolados que se apresentaram por acaso. É preciso ter em mente as transformações que o continente estava passando desde o século XIX. A industrialização europeia impactou o continente de forma singular, como ressalta Braga, Guerra e Reis (2008, p. 12),

Ao longo do século XIX, a vida de grande parte de homens e mulheres que habitavam o continente europeu e suas colônias foi transformada radicalmente pelo fenômeno da industrialização. Gerado por um leque de fatores, o advento da indústria como forma de organização do trabalho teve na união entre ciência e técnica um de seus alicerces.

O desenvolvimento de máquinas na Europa como a criação do barco a vapor, a aplicação da eletricidade à indústria, entre outros, influenciou outros países como a Alemanha, a França, os Estados Unidos. Havia um grande desenvolvimento científico que borbulhava no cenário mundial tendo o continente europeu como pioneiro.

Arelado a este desenvolvimento científico supracitado, outro aspecto significativo desse período o qual influenciou de forma categórica, não apenas a Europa, mas outras partes do mundo, foi o neocolonialismo. O Neocolonialismo foi a ação imperialista de alguns países europeus agindo em alguns países do continente africano e asiático. Segundo Moraes (2019, p. 8),

[...] com o século XIX, a Europa se espalha pelo mundo como nunca antes: seus navios, emigrantes, mercadorias e armas levam junto deles valores, ideias, instituições e práticas. Nessa época, o espaço europeu se ampliou de forma tão brutal e rápida que se começou a falar, com alguma propriedade, da europeização do mundo.

Também sobre o movimento neocolonial, Barraclough (1975, p. 25) reflete que,

Antes de terminar o século XIX, novas forças estavam produzindo mudanças fundamentais em praticamente todos os níveis da existência e em praticamente todas as regiões do mundo habitado, sendo notável, se examinarmos a literatura do período, como havia tanta pessoa com uma noção exata do rumo que as coisas estavam levando.

O Neocolonialismo seria uma dessas “novas forças” que estariam emergindo no cenário internacional para mudar os rumos das sociedades.

Estas características fizeram com que nascesse um ideal de progresso (influenciado pelo pensamento cientificista desenvolvido na Europa no século XVIII), a industrialização e a ciência foram vistas como as soluções existentes para os problemas da humanidade. Houve uma grande valorização da industrialização a qual reverberou no continente europeu e em outras regiões por meio do neocolonialismo. Esse é o panorama geral do século XIX que influenciou diretamente nas questões do século XX.

Foi nesse contexto turbulento da passagem do século XIX para o século XX que nasceu, em 1892, John Ronald Reuel Tolkien, conhecido também como “O Professor”. Tolkien foi um escritor, professor universitário, medievalista e filólogo britânico. Autor de muitas obras de literatura infanto-juvenil, também atuava na pesquisa sobre o medieval, cultura nórdica e línguas antigas. O Professor teve uma infância conturbada pela perda de entes familiares, desde cedo teve contato com o catolicismo por meio da criação e instrução de um padre que ficou responsável por sua formação escolar e familiar; participou da Primeira Guerra Mundial, perdeu amigos durante os combates e, no período da sua atuação em campo de guerra, contraiu a febre das trincheiras que quase o levou à morte. Esses foram alguns eventos traumáticos na vida deste autor os quais influenciaram direta ou indiretamente as suas obras publicadas posteriormente.

Dentre as suas variadas obras, está *O Hobbit*. Esta obra foi publicada pela primeira vez em 1937, no Reino Unido. O enredo, criado inicialmente com o intuito de divertir os seus filhos, com o tempo ganhou robustez até o momento de ser publicado. A história apresenta Bilbo, uma criatura denominada como hobbit, o qual protagoniza muitas aventuras ao sair da sua vida pacata na vila de nascença O Condado. Apesar de ser uma história de ficção, é possível analisar alguns aspectos que criticam o desenvolvimento tecnológico e científico, por meio das vivências e diálogos apresentados pelo protagonista. Segundo Santos (2013), Bilbo e Frodo representariam, até certo ponto, o próprio estilo de vida de Tolkien, sendo uma crítica à modernidade e ao avanço científico. Tolkien (2019, p. 28) inicia sua obra com as palavras,

Numa toca no chão vivia um hobbit. Não uma toca nojenta, suja, úmida, cheia de pontas de minhocas e um cheiro de limo, nem tampouco uma toca seca, vazia, arenosa, sem nenhum lugar onde se sentar ou onde comer: era uma toca de hobbit, e isso significa conforto.

Contudo, além de ser o início de uma história fictícia de ação, aventura, amizade e sofrimento, esta fantasia pode revelar muitos aspectos importantes para uma pesquisa histórica. Partindo desse pressuposto, o artigo tem como propósito refletir como Tolkien apresenta uma crítica ao alvorecer tecnológico bélico do período em que viveu através da análise da obra e das experiências do autor.

A RELAÇÃO ENTRE HISTÓRIA E LITERATURA

A Literatura tem um papel essencial para se compreender as mentalidades e questões sociais, pois reflete a sociedade e o meio na qual foi produzida. De acordo com Reis (2014), a História e Literatura não são manifestações de uma realidade imóvel e estática, mas são representações dessa realidade, e a relação entre esses dois campos deve ser feita de maneira que os conecte para a produção dos discursos historiográficos. A relação dessas duas disciplinas e a contribuição da Literatura para a construção do conhecimento histórico e crítico são imprescindíveis. Segundo Borges (2010, p. 98),

A literatura registra e expressa aspectos múltiplos do complexo, diversificado e conflituoso campo social no qual se insere e sobre o qual se refere. Ela é constituída a partir do mundo social e cultural e, também, constituinte deste; é testemunha efetuada pelo filtro de um olhar, de uma percepção e leitura da realidade, sendo inscrição, instrumento e proposição de caminhos, de projetos, de valores, de regras, de atitudes, de formas de sentir... Enquanto tal é registro e leitura, interpretação, do que existe e proposição do que pode existir, e aponta a historicidade das experiências de invenção e construção de uma sociedade com todo seu aparato mental e simbólico.

A literatura, por meio dos aspectos apresentados, reflete as questões complexas da sociedade na qual foi elaborada. Além disso, também aponta a historicidade das experiências do escritor e, dessa maneira, é um documento rico e legítimo para a investigação dos aspectos históricos de um lugar, um país, uma sociedade, um grupo de pessoas, entre outros.

A respeito da questão sobre as representações, Chartier (1990) apresenta que qualquer documento, sendo ele literário ou não, é a representação do real que é fundado nas próprias regras de produção de cada gênero de escrita e de própria intenção. Através dos documentos literários há a apropriação e possibilidade de estudo sobre as representações que o autor obtinha da sociedade daquele momento. Ademais, há a possibilidade de se problematizar os interesses sociais da obra literária, bem como o seu público-alvo e as nuances que a envolvem.

Reis (2014, p.183) ressalta que “A Literatura, assim, como as imagens e a história são representações de determinada realidade, portanto, passíveis de análise historiográfica. Sendo assim, são profícuas fontes de pesquisa para o historiador.” A literatura trabalha com representações históricas, dessa maneira, pode-se entender a importância da literatura como fonte documental na construção do conhecimento histórico. Assim, a investigação proposta neste trabalho se faz relevante para ampliar as discussões sobre o diálogo entre História e Literatura apresentando possíveis caminhos para a análise histórica.

O MÉTODO UTILIZADO

As discussões que serão levantadas nessa pesquisa a respeito da relação entre História e Literatura se inserem no campo da História Cultural (Caineli; Martins, 2015). O diálogo dessas duas disciplinas acontece no campo epistemológico por meio de aproximações e distanciamentos, compreendendo as distintas formas de aproximações e representações com a realidade (Pesavento, 2004).

Para o desenvolvimento do tema proposto, esta pesquisa baseia-se na revisão bibliográfica e análise literária. Segundo Gil (2002), o levantamento bibliográfico proporciona ao aluno a aproximação com o campo de estudo e sua delimitação. A pesquisa bibliográfica, segundo Lakatos e Marconi (2003, p. 183) “abrange toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo, desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros”, e tem como objetivo proporcionar ao pesquisador o contato com o todo o conhecimento já publicado sobre o tema escolhido. Dessa forma, a pesquisa bibliográfica não permite apenas a repetição de conhecimento já pesquisado, mas novas abordagens e perspectivas que podem chegar a um novo resultado para o tema em questão (Lakatos e Marconi, 2003).

A respeito da importância da Literatura para o conhecimento histórico e o trabalho do historiador diante desta fonte, Camilotti e Naxara (2009) ressaltam que o historiador é responsável por recolher e organizar indícios escritos, como os literários, para produção de sentido do passado. Através dos indícios e símbolos da época em que a obra literária foi escrita, o historiador pode utilizar a literatura para construção do conhecimento sobre o passado.

Sobre a análise da literatura Caineli e Martins (2015, p.3892) refletem que

mesmo que um livro de ficção não retrate personagens que existiram, o que se observa muitas vezes são livros que trazem situações que foram muito comuns à época em que o livro se passa, ou ainda personagens baseados em uma ou várias pessoas que de fato viveram.

É destacada a importância da literatura como reflexo de grupos da sociedade a qual foi escrita e, portanto, é um documento legítimo para o ofício do historiador na construção dos discursos historiográficos. Além disso, é preciso ressaltar que os textos literários não são estáticos e imóveis, mas são passíveis de análise e interpretações, como apresenta Chartier (1994, p. 09):

as obras – mesmo as maiores, ou sobretudo, as maiores – não têm sentido estático, universal, fixo. Elas estão investidas de significações plurais e móveis, que se constroem no encontro de uma proposição com uma recepção. Os sentidos atribuídos às suas formas e aos seus motivos dependem das competências ou das expectativas dos diferentes públicos que delas se apropriam. Certamente, os criadores, os poderes ou os experts sempre querem fixar um sentido e enunciar a interpretação correta que deve impor limites à leitura (ou ao olhar). Todavia, a recepção também inventa, desloca e distorce.

Portanto, a análise histórica sobre a Literatura é imprescindível para criar novas reflexões e significados sobre os textos e também para a contribuição na escrita da História.

Descritos os aspectos acima, essa pesquisa é de caráter qualitativo. A pesquisa qualitativa é produzida ao buscar o aprofundamento de uma análise, não apenas utilizando número e estatísticas, mas aprofundando reflexões de caráter social e cultural. Segundo Silveira e Córdova (2009, p. 132) a pesquisa qualitativa “busca explicar o porquê das coisas, exprimindo o que convém ser feito, mas não quantificam os valores e as trocas simbólicas nem se submetem à prova de fatos [...]”. O método qualitativo se mostra mais inclinado às pesquisas nas áreas de ciências humanas e sociais pois se funda na compreensão de alguma temática. A pesquisa qualitativa aprofunda a análise de questões sociais e culturais buscando maior compreensão.

CONTEXTUALIZANDO O PERÍODO

A ideia de modernidade surge, segundo Jacques Le Goff, *quando há um sentimento de ruptura com o passado*. Nesse sentido, um dos primeiros pensadores a utilizar a ideia de modernidade foi Charles Baudelaire, escritor francês da segunda metade do século XIX, autor de *As flores do mal*, que pensava a modernidade como as mudanças que iam se operando em seu presente, utilizando a palavra sobretudo para a observação dos costumes, da arte e da moda. (SILVA; SILVA, 2019, p. 297)

É partindo desse conceito de modernidade com seu ápice no desenvolvimento tecnológico no século XIX e XX que é proposta a reflexão neste trabalho. A modernidade, tendo como recorte a passagem do século XIX e XX, a qual Tolkien critica na obra *O Hobbit*, que será apresentada posteriormente, está relacionada à racionalidade e às mudanças presentes no Ocidente neste período supracitado. Segundo Silva e Silva (2019, p. 297), “Podemos definir a modernidade como um conjunto amplo de modificações nas

estruturas sociais do Ocidente, a partir de um processo longo de racionalização da vida”. Moraes (2019, p. 151) também reflete que

As novidades do século – não só técnicas, mas também espirituais, intelectuais e políticas – passaram a ocupar um espaço absolutamente inédito na vida pública de uma sociedade que se industrializava e também adquiria novas feições.

Os anos de passagem do século XIX para o XX, na Europa, viram acontecer, no contexto da Segunda Revolução Industrial, iniciada em 1850, o que hoje se compreende por *Belle Époque* (Bela Época), um período que trouxe bastante otimismo devido ao desenvolvimento das tecnologias e cientificidade advindas de alguns países europeus. De acordo com Mércher (2012), o liberalismo econômico e a interdependência comercial permitiram um desenvolvimento tecnológico e econômico que mudou a compreensão do comportamento individual e social trazendo uma “sensação de segurança junto à noção de progresso atrelada ao desenvolvimento urbano-industrial” (Mércher, 2012, p. 1).

Neste período de racionalidade e de grande desenvolvimento científico, juntamente com a questão imperialista europeia, foi disseminada a ideia de um progresso a qual exaltava o continente europeu como pioneiro no cenário mundial. Conforme reflete Braga, Guerra e Reis,

O desenvolvimento técnico cristalizou um enorme sentimento de esperança ao longo do século. As máquinas que invadiam o cotidiano europeu apresentavam-se agora como a chave para a construção de um futuro próspero, fazendo antever um tempo no qual os principais problemas que afligiam a humanidade poderiam ser resolvidos pela ciência aplicada. O ideal de progresso cultivado pelos intelectuais no século anterior ganhou as ruas. O homem havia se libertado das limitações impostas pela natureza e pelas visões religiosas de outrora. A razão tornava-o senhor de seu próprio destino. Parecia não haver limites para a ciência e a tecnologia. Prometeu, enfim, fora desacorrentado. (Braga; Guerra; Reis, 2008, p. 14)

A razão teve um papel fundamental na consciência progressista desse momento a qual colocou a ciência no pedestal de supervalorização e como um aspecto essencial para a humanidade continuar a avançar como espécie evoluída.

O imperialismo foi um aspecto presente no globo nesse período, o qual apresentou a mobilização de países da Europa que se expandiram em busca de novos mercados, mas também para expandir em influência. Entretanto, para além disso, o imperialismo abarcou vários aspectos da sociedade, como reflete Moraes (2019),

O imperialismo está longe de ser um fenômeno exclusivamente econômico ou político. Trata-se de um fenômeno que afeta todos os aspectos da vida social e, se pensarmos em seus impactos, ele produziu transformações profundas e duráveis no mundo tanto das colônias quanto das metrópoles. (Moraes, 2019, p. 145)

Nesse misto de desenvolvimento científico e imperialismo, houve pressões políticas entre os países da Europa os quais começaram a se dividir em dois blocos principais que futuramente – em 1914 – emergiriam como agentes da Primeira Guerra Mundial. A respeito disso Moraes (2019) reflete que o desenvolvimento da industrialização possibilitou a criação de armas como metralhadoras, canhões de aço, dirigíveis de guerra, trens de alta velocidade que possibilitavam a mobilização dos exércitos. O mesmo autor argumenta que a tecnologia “anunciava para uns poucos e atentos observadores que a guerra seria diferente daquilo que se conhecia até então” (Moraes, 2019, p. 161).

SOBRE O AUTOR

Nesse contexto de efervescência europeia científica e tecnológica, nasce John Ronald Reuel Tolkien. O “Professor” nasceu em 1892, na cidade Bloemfontien, na África do Sul. Após a perda de seu pai em 1896, mudou-se no mesmo ano com sua mãe e seu irmão para a cidade de Birmingham, na Inglaterra. Em 1904, com a morte de sua mãe, ficou aos cuidados do padre Francis Xavier Morgan, sendo por ele instruído. Morgan influenciou Tolkien a estudar na Universidade de Oxford, no curso de Antiguidade; entretanto, seu interesse em filologia o levou ao curso de Letras e Literatura, graduando-se em 1915. Casou-se em 1916 com Edith Bratt.

Serviu na Primeira Guerra Mundial em alguns confrontos no campo de batalha em 1916 e viu mortes de seus colegas como apresenta seu biógrafo oficial Carpenter (2018). Contraiu uma doença que quase o levou à morte e se afastou dos conflitos, porém, sua vida já havia sido marcada pelo caos da guerra.

Após esse período tornou-se professor no Departamento de Letras da Universidade de Leeds, conseguindo a cadeira de Inglês Antigo em Oxford, em 1925. Produziu muitas obras a partir de seu interesse e estudos sobre literatura nórdica e mitologia, entre elas *O Hobbit*.

A respeito da obra em questão, sua origem aconteceu de maneira interessante. *O Hobbit* foi escrito a partir de um rascunho em um papel em branco no qual Tolkien, em seu momento de correção de provas da escola em que trabalhava, escreveu as seguintes palavras: “Em uma toca no chão vivia um hobbit”. A partir dessa sentença o autor começou a pensar sobre o que seriam os hobbits. Depois desse rascunho, Tolkien começou a desenvolver a história no momento de contação de histórias aos seus filhos, que na época eram crianças. A obra foi publicada no Reino Unido no ano de 1937 pela editora George Allen and Unwin Ltd. O enredo agradou ao público e posteriormente a editora pediu uma continuação da história a qual é apresentada na trilogia *O Senhor dos Anéis*, publicada no ano de 1954. Segundo Santos (2013), Tolkien criou um mundo mitológico de fantasias, sendo que alguns personagens – Bilbo e Frodo – representariam, até certo ponto, seu próprio estilo de vida, sendo uma crítica à modernidade e aos desenvolvimentos científicos, sobretudo aos aspectos bélicos.

SOBRE A OBRA

Numa toca no chão vivia um hobbit. Não uma toca nojenta, suja, úmida, cheia de pontas de minhocas e um cheiro de limo, nem tampouco uma toca seca, vazia, arenosa, sem nenhum lugar onde se sentar ou onde comer: era uma toca de hobbit, e isso significa conforto. (Tolkien, 2019, p. 27)

Estas palavras, conhecidas e evocadas por um sem-número de pessoas ao redor do globo, são o início de uma jornada fantástica e incrível pela Terra Média, o mundo fictício criado por Tolkien. Entretanto, essas palavras não apenas começam essa história ficcional como também nos introduzem a uma reflexão proposta sobre a simplicidade, amizade, coragem e bravura.

O enredo conta a história de uma criatura pequena pertencente ao grupo de indivíduos chamados hobbits. A respeito desse grupo de indivíduos, é apresentada uma descrição no primeiro capítulo da obra a qual diz ser um povo de pequena estatura, inclinados a serem gordos, cabelos encaracolados, rostos bem-humorados com pés peludos e cascudos; além disso, são criaturas muito silenciosas com uma ótima audição e que amam o conforto e a hora do jantar.

O hobbit protagonista dessa história, Bilbo Bolseiro, tem uma enorme apreciação pelo conforto e tranquilidade na vida. Bilbo mora em uma toca no chão e, tendo uma vida tranquila e acomodada, não se interessa por grandes aventuras e desconfortos advindos de situações imprevistas. Entretanto, sua vida muda ao receber a visita de um mago chamado Gandalf, o qual encaminha uma pequena tropa de anões (13) para sua casa para o comissionar a uma empreitada que mudaria sua vida. Após a visita dos anões e o chamado para atuar como gatuno em um tesouro de um dragão chamado Smaug, Bilbo encontra-se numa posição desconfortável e vê-se diante de uma decisão que mudaria para sempre a sua vida e a de sua família – como é apresentado posteriormente na trilogia *O Senhor dos Anéis*, com o protagonismo de seu sobrinho chamado Frodo Bolseiro. Bilbo Bolseiro, embora tivesse uma personalidade fleumática e nunca tomasse uma decisão precipitada, encara o desafio de percorrer uma grande distância e participar da aventura imprevisível proposta pelos anões.

No decorrer do enredo, é possível perceber alguns aspectos do medievalismo como nas paisagens, personagens e até mesmo na questão das disputas territoriais. Conforme Santos (2013), a Idade Média na obra de Tolkien representaria uma tentativa de fuga da realidade de seu tempo de guerras e avanços científicos que resultaram em desastres. A representação do medievalismo pelos vários símbolos e personagens seria uma saída ao vazio contemporâneo de sua época. Casagrande (2018, p. 45) apresenta que

A base filosófica tolkieniana (e lewisiana), estava fincada, portanto, nos pensamentos clássicos e medievalista, sobretudo na apologética cristã, e não no pensamento racionalista-iluminista; tampouco apoiava suas críticas à modernidade no romantismo.

Partindo desse pressuposto, é possível perceber no decorrer da obra passagens que manifestam uma insatisfação do autor para com as grandes tecnologias e cientificidade, por vezes relacionados aos personagens maus do enredo. É possível, ainda, perceber a apresentação de Smaug (o dragão conquistador) como um possível símbolo do imperialismo; o dragão é apresentado de forma incrível e repulsiva na história: é um personagem que busca grandes riquezas como o ouro e é enfeitiçado pelas suas fortunas sempre querendo mais. É possível, de alguma forma, relacionar com o Imperialismo europeu sobre a África e Ásia no século XIX por ser um movimento feito pelos países europeus que buscou novos recursos e riquezas nessas regiões do globo. Ademais, a tranquilidade e o conforto são apresentados de forma louvável no enredo, os quais evocam a tempos menos turbulentos e imprevisíveis.

ASPECTOS DA OBRA

Bilbo Bolseiro, como já dito acima, era uma criatura inclinada ao conforto e ao descanso, fazendo coisas previsíveis e calculadas nada fugindo do normal; entretanto, ao sair de sua casa, encontra as mais adversas situações desejando muitas vezes voltar ao aconchego do seu lar, “[...] Para os diabos com a gatunagem e tudo o que tem a ver com ela! Queria estar em casa, na minha toca gostosa, ao lado do fogo, com a chaleira começando a cantar! – Não foi a última vez que desejou isso!” (Tolkien, 2019, p. 57); o hobbit tinha um grande anseio por voltar à sua casa, mas antes de isso acontecer muitas coisas ainda lhe ocorreriam.

No decorrer de sua viagem pela Terra-Média, o hobbit viu muitas criaturas e lugares diferentes e teve contato com muitas culturas. No princípio de sua viagem, um dos povos que ele conheceu foi os anões. Eles eram um povo que viviam nas montanhas e seu intuito era o de extrair os minérios e construir o seu poderoso império; o objetivo da visita da tropa na casa de Bilbo foi de pedir a sua ajuda para roubar o tesouro que fora perdido para o dragão Smaug. Entretanto, em algumas passagens é apresentado como o tesouro e a fortuna feita com o usufruto da terra corrompeu o coração de alguns anões levando-os à guerra, como visto no penúltimo capítulo décimo sexto *Um ladrão na noite*. Após recuperar o tesouro e destruir o dragão Smaug, a tropa de anões se entocaram na Montanha da Perdição e seu líder Thorin Escudo de Carvalho endureceu seu coração em ajudar aqueles que o haviam ajudado na destruição do dragão Smaug. Os outros povos – como os elfos – ao saber que Smaug havia morrido vieram para negociar com Thorin a respeito do imenso e incontável tesouro; porém, ele enrijeceu o seu coração preferindo a guerra do que uma relação diplomática. Tolkien apresenta esse episódio destacando de forma repulsiva como o tesouro levou à guerra. Neste capítulo é possível fazer uma relação com Imperialismo europeu no final do século XIX tendo como estopim a Primeira Guerra Mundial; a disputa dos países europeus por regiões e recursos da África promo-

veu uma relação tensa culminando no terrível conflito em 1914. Assim, é possível relacionar a busca por riquezas e recursos como os países da Europa fizeram no século XIX e que, no decorrer do tempo, desenvolveu a Primeira Guerra com o amor à riqueza que os anões tiveram e que culminou na batalha final do livro do enredo.

Outro povo que Bilbo conheceu durante sua viagem foram os gobelins. Essas criaturas eram detestáveis, malignas e odiosas. No enredo da história elas estavam se expandindo pela Terra-Média para tomar o poder. Tolkien apresenta em uma passagem específica a respeito dessas criaturas e a construção de tecnologias bélicas voltadas para a guerra e destruição,

Ali, nas sombras, em cima de uma grande pedra plana, sentava-se um tremendo goblin com uma cabeça enorme, e goblins armados estavam de pé ao redor dele, carregando os machados e as espadas curvas que usam. Ora, os goblins são cruéis, perversos e de mau coração. Não fabricam coisas bonitas, mas fabricam muitas coisas engenhosas. Conseguem abrir túneis e minas tão bem quanto qualquer um, com exceção dos anões mais habilidosos, quando se dão ao trabalho, embora os seus em geral sejam bagunçados e sujos. Martelos, machados, espadas, adagas, picaretas, tenazes e também instrumentos de tortura eles sabem fazer muito bem, ou forçam outras pessoas a fazer segundo suas ordens, prisioneiros e escravos que têm de trabalhar até morrer por falta de ar e luz. Não é improvável que tenham inventado algumas das máquinas que desde então atormentaram o mundo, especialmente os aparatos engenhosos para matar grandes números de pessoas de uma vez, pois engrenagens e motores e explosões sempre os deleitaram [...]. (Tolkien, 2019, p. 88)

Tolkien destaca, de forma primorosa, a questão do desenvolvimento de aparatos bélicos, os “aparatos engenhosos para matar grandes números de pessoas de uma vez, pois engrenagens e motores e explosões sempre os deleitaram” (Tolkien, 2019, p. 302), pode-se relacionar com as tecnologias bélicas da Primeira Guerra Mundial como os lança-chamas, os tanques de guerra, as metralhadoras, entre outros. É possível perceber como os aparatos bélicos são apresentados como tecnologias nocivas para os seres vivos.

A guerra, por sua vez, apresentada no clímax da obra expõe essa questão também de forma ruim. Intitulada como Batalha dos Cinco Exércitos, foi um conflito envolvendo cinco povos da Terra-Média, os anões, elfos, orcs, trolls e águias, em prol da conquista do tesouro entocado na Montanha da Perdição. Foi uma batalha que deixou muitos feridos e mortos, “Foi uma batalha terrível. A mais horrenda de todas as experiências de Bilbo e a que na época ele mais odiou [...]” (Tolkien, 2019, p. 302). Intitulado *As nuvens desabam* é o capítulo que apresenta esse embate de forma detalhada destacando os armamentos e os feridos.

Após a batalha descrita neste capítulo, no início do capítulo seguinte, *A viagem de volta*, apresenta Bilbo visualizando o cenário pós-guerra no qual havia muitos mortos e corpos caídos no chão.

Mas tudo estava numa quietude moral. Não haviam nenhum chamado, nem eco algum de canção. A tristeza parecia pairar no ar. “Vitória afinal, suponho!”, disse ele, sentindo sua cabeça dolorida. “Bem, parece um negócio muito sombrio.” (Tolkien, 2019, p. 306)

Nesta passagem é possível identificar o pesar e o descontentamento de Bilbo no momento pós-guerra. Bilbo não estava feliz com a guerra que aconteceu. Ele viu todas as baixas, os feridos, as armas que possibilitaram a matança, toda destruição e a morte que assolaram aquela terra e seus habitantes e se entristeceu por isso. Ele não aceitou a suposta vitória como algo louvável e magnífico; seu sentimento vendo toda a morte e a destruição foi de desgosto e angústia.

Em uma das suas cartas no compilado feito pelo seu biógrafo oficial Carpenter (2012), Tolkien expressa sua infelicidade com a guerra (neste caso a Segunda Guerra Mundial), mas que podemos refletir a posição do autor em relação a esses aspectos,

O absoluto desgaste estúpido da guerra, não apenas material mas moral e espiritual, é tremendo para aqueles que têm de suportá-lo. E sempre foi (apesar dos poetas) e sempre será (apesar dos propagandistas) — não que, é claro, não tenha sido, seja e será necessário enfrentá-lo em um mundo maligno. Mas tão curta é a memória humana e tão evanescentes são suas gerações que em cerca de apenas 30 anos haverá poucas ou nenhuma pessoa com aquela experiência direta que sozinha toca o coração. A mão queimada é a que mais ensina a respeito do fogo. (Carpenter, 2012, p. 87)

Os aspectos descritos no decorrer desta seção possivelmente refletem a crítica do autor em relação aos aspectos bélicos, tecnológicos e à guerra, demonstrando a posição mais conservadora do autor em relação à natureza e à política.

Segundo Sousa (2022), a possível aversão e crítica de Tolkien à modernidade, à industrialização à destruição da natureza pelas máquinas e o pessimismo em relação ao progresso do capitalismo parte da sua relação com o conservadorismo inglês o qual o levava a ter o desprezo por tudo aquilo que se apresentava como moderno. Tolkien prezava pela conservação da natureza e pelas paisagens não destruídas pelo homem moderno; sua posição conservadora ambientalista se apresenta em muitas outras obras as quais valorizam a natureza e os seres vivos, como é o caso das Barbávore e os ents em *O Senhor dos Anéis* (SOUSA, 2022).

CONCLUSÃO

É possível refletir que os aspectos bélicos e tecnológicos apresentados no enredo, são retratados de maneira sombria e tenebrosa. Possivelmente Tolkien, ao escrever a

obra, não tinha o intuito de fazer uma crítica às tecnologias bélicas do início do século XX na Europa as quais auxiliaram na Primeira Guerra Mundial; entretanto, é possível perceber seu caráter crítico em muitos dos aspectos representados na obra.

A literatura, sem dúvidas, é de grande valia para a construção do conhecimento e para análises historiográficas. Através da interdisciplinaridade desses dois campos do saber é possível refletir que ambos se auxiliam na construção do conhecimento histórico como também na construção de uma obra literária tendo a História como plano de fundo.

A literatura, e neste caso a obra *O Hobbit*, portanto, se apresenta como uma abundante e legítima fonte histórica para o ofício do historiador de investigação sobre o passado e os discursos construídos no decorrer da História.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus que tem demonstrado de muitas maneiras o seu amor e sua imensurável bondade em minha vida e tem me sustentado em todos os momentos. Minha gratidão ao meu amado Thiago, que não mede esforços para me ajudar e me acompanhar em todos os degraus acadêmicos; à minha família e aos meus queridos amigos da faculdade que são muito importantes e que me apoiam em todas as minhas realizações; e aos meus estimados professores do Unisagrado que sempre me auxiliaram e incentivaram na carreira acadêmica.

REFERÊNCIAS

BARRACLOUGH, Geoffrey. **Introdução à História Contemporânea**. Trad. Álvaro Cabral. 5. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1983.

BRAGA, Marco; GUERRA, Andreia; REIS, José Claudio. **Breve história da ciência moderna: A belle-époque da ciência moderna (séc. XIX)**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BORGES, Valdeci Rezende. História e Literatura: Algumas Considerações. Goiás: **Revista de Teoria da História**, Ano 1, n. 3, junho/ 2010.

CAINELI, Marlene Rosa; MARTINS, Giovana Maria Carvalho. O uso de Literatura como fonte histórica e a relação entre Literatura e História. In: **CONGRESSO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA**, VII., 2015, Maringá, Anais eletrônicos [...] Maringá, 2015, p. 3889-3901. Disponível em: <http://www.cih.uem.br/anais/2015/trabalhos/1318.pdf>. Acesso em: 01 abr. 2022.

CAMILOTTI, Virgínia.; NAXARA, Márcia Regina Capelari. História e literatura: fontes literárias na produção historiográfica recente no Brasil. **História: Questões & Debates**, Curitiba, n. 50, p. 15-49, jan./jun. 2009.

CARPENTER, Humphrey. **As cartas de J.R.R. Tolkien**. Paraná: Arte & Letra, 2012.

_____. **J.R.R. Tolkien: uma biografia**. Rio de Janeiro: HarperCollins, 2018.

CASAGRANDE, Cristina. **A amizade em O Senhor dos anéis**. São Paulo: Martin Claret, 2018.

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1990.

_____. **A ordem dos livros: Leitores, autores e bibliotecas na Europa**

entre os séculos XIV e XVIII. Trad. Mary Del Priore. 2. ed. Brasília: Editora da UnB, 1994.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Atlas S/A, 2002.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas S/A, 2003.

MÉRCHER, Leonardo. **Belle Époque francesa: a percepção do novo feminino na joalheria Art Nouveau**. In: VI Simpósio Nacional de História Cultural. Escritas da História: Ver – Sentir – Narrar. Teresina, 2012. Disponível em: <http://gthistoriacultural.com.br/VIsimposio/anais/Leonardo%20Mercher.pdf>. Acesso em: 25 maio 2022.

MORAES, Luís Edmundo. **História Contemporânea: da Revolução à Primeira Guerra Mundial**. São Paulo: Contexto, 2019.

PESAVENTO, Sandra Jataly. **História & História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004, 2 ed.

REIS, Fernanda. História, Imagem e Literatura: um diálogo possível?. **MONÇÕES**, Coxim. v. 1, n. 1, p. 174-185, set. 2013.

SANTOS, Andrey Augusto Ribeiro dos. “Lá e de volta outra vez”: o medievo na obra de J.R.R. Tolkien. **Cadernos de Clio**, Curitiba, v. 4, n.4, p. 217-230, 2013.

SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. **Dicionário de Conceitos Históricos**. São Paulo: Contexto, 2019.

SILVEIRA, Denise Tolfo; CÓRDOVA, Fernanda Peixoto. A pesquisa científica. In: GERHARDT, Tatiana Engel, SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2009.

SOUSA, Mara Lúcia Ribeiro. J.R.R. Tolkien e o Conservadorismo Ambiental. **Tolkienista**, 2022. Disponível em: <https://tolkienista.com/2022/04/14/j-r-r-tolkien-e-o-conservadorismo-ambiental/>. Acesso em: 23 nov. 2022.

TOLKIEN, John Ronald Reuel. **O Hobbit – ou lá e de volta outraz vez**. Trad. Reinaldo José Lopes. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2019.